

Nove entre dez brasileiros no vale da exclusão

Desigualdade econômica do país aparece nas estatísticas do mundo digital: só 12,46% têm computador em casa e 8,31% dispõem de acesso doméstico à internet. Entre os brancos, alcance da informática é maior

Flávia Oliveira

Os indicadores socioeconômicos que fazem do Brasil uma das quatro nações mais desiguais do planeta habitam não apenas o mundo real do trabalho e da educação, mas principalmente o virtual. Só 12,46% dos brasileiros têm computador em casa e míseros 8,31% dispõem de acesso doméstico à internet. Uma estatística dramática que empurra para o vale da exclusão digital quase nove em cada dez habitantes de um país, onde quase cem milhões de eleitores votam eletronicamente e parte da população acerta as contas com o Imposto de Renda pela internet.

O alto índice de exclusão digital no Brasil contrasta com o ritmo acelerado de expansão da informática nos lares brasileiros. Nos 15 meses que separaram a apuração do Censo Demográfico em 2000 e a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad-2001), ambos do IBGE, a população com computador em casa aumentou em dois pontos percentuais: de 10,29% para 12,46%. Na última atualização do relógio da inclusão digital, em 17 de março, o número de habitantes com PCs domésticos chegava a 26,703 milhões. A cada quatro meses, um milhão de brasileiros passam a ter computador em casa.

Essas informações estão no "Mapa da Exclusão Digital", o mais completo estudo já feito no Brasil sobre o tema. Resultado de uma parceria entre o Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV) e o Comitê para Democratização da Internet (CDI), o trabalho traça um perfil dos excluídos e aponta como alvo principal das políticas de inclusão digital as crianças e jovens em situação de risco nas áreas urbanas.

Os jovens têm a maior necessidade e, ao mesmo tempo, são o grupo onde há mais oportunidade de atuação. A exclusão digital é imensa, mas estamos diante de uma oportunidade histórica de se reduzir essa desigualdade — diz o economista Marcelo Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais da FGV e responsável pelo mapa.

Adolescentes têm menos acesso

O mapa da exclusão não deixa dúvidas: na população de zero a 15 anos, apenas 8,98% têm computador em casa e 5,68% acesso à internet. É na faixa etária dos adultos que se concentra a maior proporção de usuários. Contudo são os mais jovens os grandes interessados em aprender informática. Pesquisas da própria FGV em comunidades carentes mostram que a maioria esmagadora dos adolescentes sonha em fazer cursos de informática.

O estudo também analisa a exclusão digital na perspectiva de raça e escolaridade. Índios, negros e pardos são os grupos étnicos menos incluídos: 3,72%, 3,97% e 4,06%, respectivamente, têm computador em casa. Mesmo quando se comparam cidadãos com mesmo nível de escolaridade, renda e padrão de consumo, a população branca tem 167% mais chance de ter acesso doméstico à internet do que os demais. Entre os brasileiros que se declaram brancos, 15% têm computador em casa. A maior proporção, contudo, é dos asiáticos: quatro em cada dez fazem parte da era digital.

▶ NO GLOBO ON LINE: Saiba como contribuir para a campanha da inclusão digital www.oglobo.com.br/especiais/digital



Fotos de Marco Antônio Teixeira

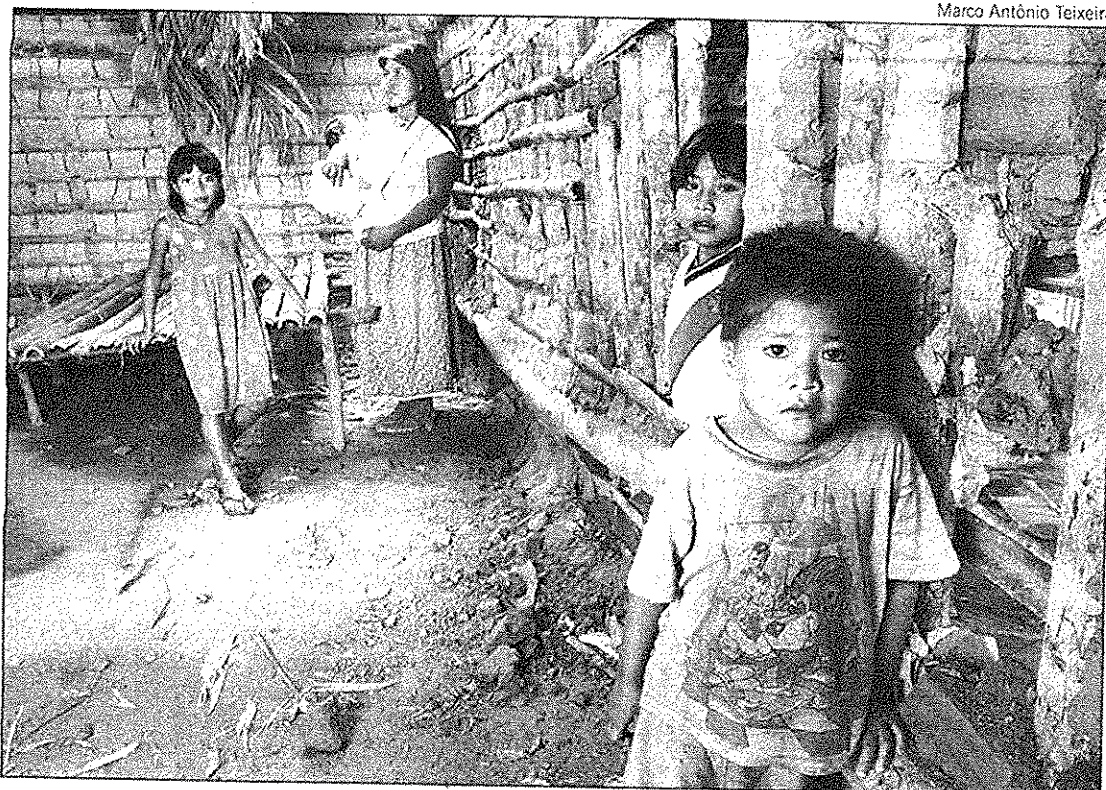
MORADORES DA RESERVA Sapukai, a 25 quilômetros de Angra dos Reis, armazenam no computador a história da tribo. Os índios são o grupo étnico com menos acesso à informática

"Daqui a 20 anos, ou teremos tirado bom proveito da explosão digital ou nos deixado levar pela maré, com conseqüências ruins para economia brasileira"

CARLOS IVAN SIMONSEN LEAL • Presidente da FGV

"Quem não tem acesso a computadores está à margem da nova sociedade. Precisamos de ações emergenciais de governo e ONGs para atacar o apartheid digital"

RODRIGO BAGGIO • Diretor-executivo do CDI



Marco Antônio Teixeira

NA ALDEIA da reserva Sapukai, as 52 famílias vivem em casas simples, mas a escola tem 3 computadores

Ayuryru: a caixa que guarda a memória dos guaranis

Índios de uma tribo em Angra aprendem informática para preservar sua cultura

• ANGRA DOS REIS. O espaço acanhado, que abriga três computadores e a impressora recém-chegada, sugere a pouca importância da informática numa aldeia indígena. Puro engano: esse espaço esconde sabedoria. Na minúscula sala anexa à escola bilingüe da reserva Sapukai, em Bracuí, a 25 quilômetros de Angra dos Reis, uns poucos índios armazenam a história da tribo de guaranis que, 15 anos atrás, trocou o Paraná pelo Rio de Janeiro. E se esforçam para formar profissionais capazes de administrar a escola que sonham ver formalmente reconhecida pelo Ministério da Educação.

Tamanho pragmatismo impressiona. No solitário exemplo de inclusão digital de uma comunidade indígena no Brasil, os guaranis exibem objetividade em lugar de fascínio no trato com a informática. Aproveitam o contato com a tecnologia para reafirmar sua cultura: são palavras de sua própria língua que designam as principais ferramentas da era digital.

Assim, os habitantes de Sapukai (socorro em guarani, numa referência à usina nuclear em operação na vizinhança) passaram a chamar computador de *ayuryru*, a caixa para guardar a memória, uma tradução literal; *nhamboparaa* é teclado. Diferentemente dos demais brasileiros, sempre prontos a "atachar" os termos do inglês, para os índios o mouse é *anguja* (rato) e Windows, *oventan* (janela). Ainda faltam nomes para a impressora e a internet, prestes a chegar na aldeia numa conexão via satélite (a reserva não tem telefone fixo). Mas não há pressa.

O manual de informática em guarani

AYURYRU. Caixa para guardar a memória. É como os índios da reserva Sapukai chamam os computadores.

ANGUJA. Rato em guarani. Termo usado para substituir mouse, palavra em inglês absorvida pelos brasileiros.

OVENTAN. Significa janela em guarani. É a palavra que identifica o sistema operacional Windows, da Microsoft.

NHAMBOPARAÁ.

Em guarani designa o lugar usado para escrever, o teclado dos computadores.

Anatel: sem telefone não há inclusão

Agência sugere investimento em infra-estrutura

Mônica Tavares

• BRASÍLIA. O Brasil contava com 6,26 microcomputadores por cem habitantes, segundo dados da União Internacional das Telecomunicações (UIT), em 2001. Ao mesmo tempo, o país tinha 28,2 telefones fixos por cem habitantes no mesmo ano. Os dois equipamentos — computador e telefone — são fundamentais para a inclusão digital, afirmou o presidente da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), Luiz Guilherme Schymura. — Não adianta falar em inclusão digital sem infra-estrutura, sem linha telefônica e sem computador — disse.

Schymura afirmou que os Estados Unidos, por exemplo, o país com maior densidade de computadores, possuem mais de 60 micros por cem habitantes. Ele disse que, sozinhos, os americanos possuem mais computadores que todo o resto do mundo. Segundo o IBGE, em 2001, disse Schymura, 51,1% dos lares brasileiros tinham telefones fixos, mas apenas 12,6% contavam com micros.

— Se o governo desse por mês R\$ 20 para subsidiar a conta telefônica de quem não pode pagar, ele teria que desembolsar por ano R\$ 5 bilhões — destacou Schymura.

Depois a gente pensa — diz Alexandre da Silva, de 21 anos, um dos nove filhos do cacique João, chefe da aldeia, e aluno da escola de informática e cidadania. Uma vez por semana, Alexandre (que em guarani se chama Vera Miri) grava no computador trechos da história de seu povo. O trabalho, conta Algemiro da Silva Karay Mirim, coordenador da escola, que integra a rede CDI, dará origem a cartilhas em guarani (para a educação dos índios) e em português, que serão vendidas aos turistas. A produção de artesanato (cestos, colares, instrumentos musicais) é a principal atividade econômica dos Sapukai. O relevo inclinado, próximo ao Pico do Frade, e a baixa qualidade do solo tornam a área de 2.500 hectares inadequada para a agricultura. A comunidade tem luz elétrica, água potável, uma caminhonete e posto de saúde, além da escola. Mas as habitações são muito pobres, muitas feitas de madeira, sem telhas e com chão de terra batida. A aldeia tem 52 famílias, num total de 284 habitantes, dos quais 135 são crianças de até 12 anos. A única escola, batizada de Kyringue Yvotyty (crianças colhendo flores), alfabetiza os alunos primeiro em guarani, depois em português. Em parceria com universidades, que treinam os índios para atividades pedagógicas, as crianças e os jovens recebem ainda conhecimentos de matemática, história, geografia e ciências. As aulas de informática, também ministradas por dois instrutores da própria comunidade, são apenas para os jovens. Não há distinção entre homens e mulheres. A turma atual, que tem aula uma vez por semana, conta com quatro rapazes e quatro moças. Mas é apenas o início... (Flávia Oliveira)